

Relatos de experiência: registro das memórias dos que viveram a guerra

LAERTE FERRAZ DA SILVA¹
MARLISE MARIA GIOVANAZ²

RESUMO

Este trabalho de pesquisa se propôs a construir um acervo de documentação oral e documental, focalizado na experiência de ex-combatentes e/ou civis que viveram as guerras nas décadas de 30 e 40 do século XX. A proposta fundamental implicou em resgatar para o campo do estudo da História a experiência vivida, tornando-a assim fonte documental para o ensino e a pesquisa. A narrativa é a principal forma de exteriorização e de prolongamento da memória, que aparece no relato oral já refletida e transformada. Cabe ao pesquisador, auxiliado pelos métodos da História Oral, estimular a narrativa do entrevistado possibilitando assim a evocação do passado.

Palavras - chave: memória, história oral, guerra.

ABSTRACT

This work intends to build an oral and documental archive, centered on experiences that ex-combatants or civilians had during the 30's and 40's wars of the XX century, and rescue to the historical studies the living experiences, turning it into a valid document. Narrative is a main form of exteriorization and memory prolongation, which appears transformed in oral history. It is a responsibility of the researcher, succored by

¹ Acadêmico do Curso de História/ULBRA - Bolsista PROICT
ULBRA.

² Professora – Orientadora do Curso de História/ULBRA
(mgiovanaz@terra.com.br)

the oral history methods, to stimulate the testify narrative, enabling the past evocation.

Key words: *memory, oral history, war.*

INTRODUÇÃO

O trabalho da História tem como objeto de estudo os documentos e vestígios do passado que permitem o entendimento e análise das conjunturas anteriores. O campo da experiência humana é estudado a partir dos recortes do imaginário vivido e representado pelas pessoas comuns. Na década de 80 do século XX começaram a ser implantados as primeiras experiências de trabalho com a História Oral, procurando trazer a tona do conhecimento novos aspectos que não constavam nos documentos conhecidos, bem como procurando valorizar os relatos orais daqueles que não escrevem a História, mas que viveram o seu cotidiano e constroem em uma perspectiva pessoal as conjunturas macro-históricas.

A pesquisa aqui apresentada se propôs à construção de um acervo de documentação oral e documental, focalizado na experiência de ex-combatentes e/ou civis que viveram a experiência da guerra nas décadas de 30 e 40 do século XX. A partir de trabalhos acadêmicos realizados com alunos de História Contemporânea II, vislumbrou-se a possibilidade de organizar um trabalho efetivo de resgate de narrativas sobre o período da Segunda Guerra Mundial. O fato de o exército brasileiro ter enviado combatentes e também nosso estado ter sido o destino escolhido por fugitivos e pessoas que abandonaram a Europa naquele momento de convulsão, nos oferece possibilidades concretas de construir um acervo qualificado de depoimentos orais, assim como de entrar em contato com documentos

pessoais do grupo que podem ser copiados ou então doados a ULBRA, e tornar assim mais completo e diversificado o estudo deste período histórico. Foi levado em conta também que este seria um momento limite para realização de tal empreitada, visto que, passados já 60 anos do final da grande guerra, o número de depoentes tende a reduzir-se radicalmente em um período próximo. O trabalho se qualifica ainda mais neste sentido, proporcionando o registro de memórias que tendiam ao desaparecimento.

A proposta fundamental implicou em resgatar para o campo do estudo da História a experiência vivida, tornando-a assim em fonte documental para o ensino e a pesquisa. Como orienta BENJAMIN (1994), o estudo da História deve pautar-se pela possibilidade de resgatar do passado as informações e experiências que podem transformar nossa História em uma *outra* História. Se a memória individual é a experiência apreendida, mediada e transformada pelos diversos estados da vida e por outras experiências exteriores, precisamos nos apropriar desta como fonte potencial de pesquisa. Em nenhum momento houve a intenção de revisar o conhecimento histórico produzido sobre o período, pois são muitos, e extremamente qualificados os trabalhos de fonte documental que versam sobre este tema. A intenção principal do trabalho foi adensar o conhecimento sobre o período a partir da apropriação da experiência vivida, registrando falas e documentos que estavam fadados ao desaparecimento, trazendo-os para a análise e conhecimento acadêmico. Outro fator que contou profundamente nestas interpretações foi

a tentativa de tornar o estudo da guerra, momento limite na história das civilizações, não uma contagem numérica ou uma reflexão sobre tecnologia militar, mas de fazer ressurgir os dramas individuais, o cotidiano do processo, já que acreditamos que os indivíduos guardam perspectivas fundamentais para uma humanização da guerra. O objetivo foi tornar acessíveis aspectos até então ausentes nas bibliografias disponíveis sobre o tema e por isso *perdidas* para os historiadores, possibilitando assim a apresentação de novas dimensões que somente são percebidas pelas luzes do presente.

A forma pela qual o pesquisador, assim como qualquer pessoa, tem acesso à memória de outros é através da linguagem oral ou escrita. A narrativa é a principal forma de exteriorização e de prolongamento da memória, que aparece no relato oral já refletida e transformada. Para utilizar o testemunho oral como fonte o pesquisador precisa diferenciar a memória (que se aproxima do ensinamento e da reelaboração) da narrativa (rememoração da experiência). A memória, portanto está sempre sujeita à distorção enquanto a narrativa nos proporciona viver novamente a experiência. Cabe ao pesquisador, auxiliado pelos métodos da História Oral, estimular a narrativa do entrevistado possibilitando assim a evocação do passado.

Outro aspecto que se apresenta com muita importância na realização deste trabalho é a construção de uma revisão bibliográfica sobre o tema, que deve ser desenvolvida no decorrer do trabalho de modo a orientar a pesquisa sobre temas já demasiadamente pontuados por outros pesquisadores e também apontando novos temas a serem perseguidos. Existe uma bibliografia mínima sobre o assunto, representada ma-

oritariamente por livros de memórias de indivíduos de etnia judaica que foram duramente castigados no período. O exército brasileiro já disponibilizou ao trabalho um acervo próprio chamado de “Histórias da Segunda Guerra Mundial”, que certamente também servirá de subsídio na construção da pesquisa. Os trabalhos historiográficos que atualmente possuímos são extremamente competentes e completos.

O estudo já clássico de HOBBSAWN (1995), que dá conta da totalidade do século XX especula a fundo os problemas e dilemas político históricos que levaram ao conflito da Segunda Guerra Mundial, ocorrido entre 1939-1941, a partir do choque entre o Eixo (aliança Alemanha, Japão, Itália) contra o grupo de nações chamado de Aliados (EUA, Inglaterra, França e nações associadas, inclusive o Brasil). Guerra de proporções mundiais teve como característica fundamental a violência generalizada contra civis, no caso da Europa, e o uso de tecnologia militar e científica extremamente avançada, como foi o caso da bomba atômica. Segundo a reflexão de Hobsbawn, mesmo os povos não envolvidos diretamente no conflito sofreram conseqüências como racionamento de produtos e de combustível. Foi uma Guerra que mudou o próprio conceito de guerra, na medida em que em uma sociedade moderna, pautada pelas idéias filosóficas de liberdade e igualdade entre os povos, promove o ressurgimento do genocídio e do racismo. VIZENTINI (2003), colabora na compreensão deste processo na medida em que insere o contexto brasileiro de um governo nacionalista, do presidente Getúlio Vargas, e sua hesitação em tomar partido. Em 1941, o governo brasileiro passa a enviar tropas, armamentos e alimentos para auxiliar os aliados, sendo o único país latino americano a ter participado diretamente do conflito.

METODOLOGIA

Estas entrevistas se realizaram a partir de um guia de questões pré-concebido pelo pesquisador em conjunto com os bolsistas do projeto e que manteve um padrão geral, não ignorando, porém as individualidades e interesses dos pesquisados. A idéia de estabelecer um guia de questões teve o intuito de promover um mínimo de uniformidade entre os depoimentos, além de procurar estimular memórias relativas ao processo pesquisado. Além da gravação das entrevistas foi tomado como prática o uso de mapas da Europa, que tinha como objetivo melhor descrever os deslocamentos realizados durante o período. Sempre que possível foi pedido aos entrevistados que dispusessem de documentos e outras recordações daquele momento, com o intuito de estimular ou evocar a lembrança. O objetivo é tornar acessíveis aspectos até então ausentes nas bibliografias disponíveis sobre o tema e por isso *perdidas* para os historiadores, possibilitando assim a apresentação de novas dimensões que somente são percebidas pelas luzes do presente.

A metodologia do trabalho utilizou as propostas da História Oral, ou seja, a partir de entrevistas realizadas com os ex-combatentes e imigrantes do período. Os teóricos fundamentais no desenvolvimento da pesquisa serão o trabalho de BOSI (1987), que propõe uma atividade de recriação da memória ao lidar especificamente com depoentes em idade avançada, caso semelhante ao de nosso trabalho. Também fundamental na metodologia se mostra o trabalho de AMADO (1989), que nos alerta que o trabalho da memória é dinâmico e incessante, ou seja, o passar do tempo modifica e reinterpreta o passado, sendo o domínio do tema pelo

entrevistador a melhor estratégia para alcançar a memória oculta ou intocada.

A metodologia da História Oral não é nova, historiadores da antiguidade já utilizavam o método para construir suas narrativas a respeito do passado. Obviamente antes do advento da tecnologia de gravação este método carregava consigo um certo grau de imprecisão. Foi, porém, a partir dos anos 80 que a História Oral apresentou-se como potencial no estudo dos acontecimentos e dos processos sociais. Campo de trabalho não somente da História, encontramos trabalhos dentro da Psicologia, Antropologia, Sociologia e outros mais que utilizam este método. Segundo ALBERTI (2004), a História Oral permite a documentação de uma versão do passado, da forma como este foi apreendido e interpretado. A entrevista gravada não faz ressurgir o passado tal qual ele foi, ela permite que se amplie a visão sobre o passado, complexificando assim o trabalho do historiador, produzindo uma reflexão mais abrangente.

Por tratar-se de tema tão controverso, a memória, que sempre carrega suas particularidades individuais, as práticas metodológicas precisam adequar-se aos objetivos do trabalho. Eventualmente poderá ser realizado em forma de histórias de vida, representando um processo longo de rememoração, ou então pode ser concentrado em pequenos períodos na vida do entrevistado. O que determina a tipologia da entrevista é o objetivo do trabalho que será realizado.

As entrevistas

Das entrevistas que foram realizadas no período algumas se mostraram extremamente proveitosas, pois foi possível fazer um processo de rememoração prolongado e aprofundado. Ou-

tros foram contatados e recusaram-se a gravar entrevistas, estavam dispostos a conversar, porém sem registro, ou então encontramos situações em que os entrevistados falavam do período, mas quase sem detalhamento, o que para o objetivo de nosso trabalho significava muito pouco. No caso deste artigo optamos por utilizar três entrevistas que produzem um panorama qualificado sobre o trabalho.

Optamos também em manter sigilo sobre o nome dos depoentes, usaremos somente as iniciais, pois em nenhum momento temos como objetivo expor a vida dos depoentes. Estes mostraram extrema boa vontade em receber-nos em suas casas, conversaram abertamente sobre temas delicados e nós, como pesquisadores, temos que retribuir a gentileza que nos foi demonstrada. J.M., nosso primeiro entrevistado, foi soldado no exército alemão a partir de 1944, viveu, portanto, o ocaso da guerra na Alemanha e foi ainda prisioneiro soviético por mais dois anos. Migrou para o Brasil na década de 1950. H.M., nosso segundo entrevistado, não participou diretamente da guerra, soldado da aeronáutica, acompanhou os movimentos de tropas para a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. S.F. filho de imigrantes poloneses, nosso terceiro entrevistado, foi convocado a lutar no exército brasileiro e participou da campanha na Itália.

O tema do cotidiano da guerra é bastante produtivo, aparece com bastante frequência e vem sempre carregado de sentimentos. Obviamente para um soldado brasileiro acostumado ao clima local, a fome e o frio certamente foram os grandes inimigos no decorrer da guerra. S.F. falou do frio “Ah, lá era tudo branquinho de neve, se caminhava por cima, chovia e nevava, não era como aqui, lá o frio era parêlho, não é que

nem aqui que um dia é quente e outro é frio, lá quando é frio é frio, noite e dia”. Para os brasileiros a diferença climática chamava muita atenção, no caso do soldado alemão J.M. que foi incorporado ao exército alemão no final da guerra, quando a nação estava sofrendo todo tipo de bloqueios e seus parceiros não poderiam auxiliar nesta situação, o que mais chama atenção é o problema da alimentação, diz ele “no dia seguinte bem cedo acordamos e tomamos café, o pão que comíamos tinha mais de um ano, tinha voltado da África e era só o que se tinha para comer”. O soldado da aeronáutica que permaneceu no Brasil atenta para as dificuldades que se tinha dentro dos quartéis para se saber notícias da guerra, afirmando que “só se nós fôssemos em casa, ler jornal. E muitas vezes o cara nem tinha tempo pra esse tipo de coisa. Já saía de lá pra cair na farra e não pensava em nada de notícia, como é que tá... mas sabia que tinha, que existia muito problema para um particular, um civil, adquirir combustível para andar de carro. Era difícil.” Por este depoimento percebemos a distância da guerra para grande parte dos brasileiros, até mesmo os soldados aquartelados, afora o racionamento de combustível e outros percalços como falta de produtos, o Brasil passa longe da guerra. H. M. lembrou também do clima tenso que se formou em Porto Alegre quando o Brasil entrou na guerra, no ano de 1941, quando Getúlio Vargas, então presidente do país, declarou guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão). “O povo que forçou ele (o presidente) a entrar na guerra. Por exemplo, o Guaspari ali, o povo entrava de pé-no-chão e saía vestido. O Renner foi depredado. O cara que era alemão ou italiano naquela época sofreu muito, porque os caras depredavam. Aproveitavam a onda, né. A multidão invadia tudo. Coisa muito séria o que depredaram por aqui,

tocavam fogo, essa coisa toda. E os estudantes também. Queriam participação na guerra. Os estudantes parece que queriam vingança. Aí o Getúlio entrou...” É importante observar para a reação dos gaúchos a entrada do Brasil na Guerra. Os periódicos de Porto Alegre apontam para os conflitos ocorridos na cidade, especialmente o ataque aos negócios dos alemães, colônia extremamente representativa no estado e que ocupava liderança nas iniciativas industriais locais.

Sobre as manobras da guerra a entrevista de J.M. aponta para particularidades importantes, “em frente ao quartel havia uma mata virgem, mas no subsolo desta mata havia uma fábrica de munição, havia bombas, minas. Nesta mata fizemos instruções de máscara para gás, que era uma preocupação do exército alemão desde a primeira guerra. No começo de setembro partimos, viajamos toda a noite e chegamos próximos a Frankfurt, onde os aliados vinham bombardeando há 24 horas, com 15 mil aviões. Nós tivemos então que descer do trem e esconder-se, esperar o bombardeio passar. Quando chegamos lá estava tudo destruído, havia bunkers, mas neles somente os civis podiam ficar. Eu me escondi embaixo de uma ponte só vendo os aviões atacar a cidade que já estava destruída”. Tema que normalmente não obtém maior representatividade na bibliografia da segunda guerra mundial, este depoimento nos fornece dados sobre as estratégias de sobrevivência dos soldados durante as batalhas. O ano de 1944 foi o momento em que a Alemanha sofre o ataque em dois fronts, no leste a empreitada soviética e no oeste a chegada das tropas aliadas. J.M. atuou sempre na frente leste, enfrentando o poderio do exército de Stalin, na entrevista aparecem também suas impressões sobre o exército inimigo, ‘Chegava cada vez um número maior de tropas russas, em caminhões americanos vindos

da linha siberiana. Nós não tínhamos mais nada mas os russos estavam ainda pior, esfolados e fedidos. Pegavam nossos casacos e nossas botinas e nós éramos obrigados a seguir caminhando no frio por 6 ou sete quilômetros.’ A crença na vitória alemã aparece aqui já abalada, as deserções já eram muitas e todos tentavam sobreviver. Porém é possível perceber também o desdém para com o exército inimigo, mesmo praticamente vencidos os alemães ainda questionam o porque da vitória russa, ‘todos diziam que na rua estava um inferno, a Rússia estava apertando. Por volta das 2 horas da manhã do dia 11 de fevereiro chegou um coronel alemão, disse “cada um se salve como puder”, “estamos encurralados”, disse que o prefeito na manhã seguinte iria colocar bandeira branca e que teríamos que nos entregar. Nós não acreditávamos, seria possível que a Alemanha iria perder a guerra? O Coronel disse, é triste mas é verdade. Nós choramos e cantamos Reno Reno tens que ser para sempre alemão.’ J.M. foi levado prisioneiro pelos russos, a derrota alemã se daria poucos dias depois, é importante ressaltar a questão da identidade nacional em cheque, tomando a figura do Rio Reno como símbolo da existência da Alemanha livre, a canção dos soldados mostra todo o ressentimento da guerra perdida.

A identificação com os símbolos da tropa é algo recorrente, S.F. aponta que “isso aqui é nosso distintivo que a gente tinha, essa cobrinha fumando é o nosso distintivo que a gente tinha (...), quando as coisas apertavam a gente dizia que a cobra tava fumando e a cobra não fuma (...) então ficou esse símbolo que a cobra ta fumando”, podemos observar o emprego de uma expressão que acabou por se tornar o emblema das tropas brasileiras na guerra. Sobre o cotidiano S.F. afirma que “na guerra se come o que se tem (...), quando a gente toma conta de um

lugar, hasteamos nossa bandeira e aí nós acampamos, formamos o nosso quartel, e dali vamos avançando e mandando tropas, a não ser quando a gente tem que recuar, tem que abandonar quando o inimigo é mais forte do que a gente, ele corre com a gente, (...) ninguém pensa na morte porque não dá tempo de pensar na morte, medo, não adianta ter medo, porque ter medo ou não vai igual, então cada um se vira, só tem uma coisa a gente como soldados até hoje se encontra um amigo com o outro, então a gente sente uma saudade um do outro, uma coisa muito forte porque a única pessoa conhecida que a gente tinha era o colega do lado, estava num país estranho, tudo estranho, no Brasil nunca tinha habitado no inverno, então a gente enfrentou alguma dificuldade, mas também a gente trouxe a vitória”. O lugar do medo do inimigo ou da morte não é na guerra, esta afirmação, típica do universo soldadesco, não apaga a memória afetiva do companheirismo dentro do mundo da guerra.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho foi considerada por nós extremamente produtiva, pois tivemos a oportunidade de aprofundar o estudo do tema da segunda guerra mundial, tema pelo qual nutrimos grande apreço. Neste último ano de realização do projeto de pesquisa junto a ULBRA (2005) tivemos algumas dificuldades em encontrar depoentes com lucidez e disposição para realizar as entrevistas. Como fator positivo sublinhamos a possibilidade de professor e aluno desenvolverem a habilidade de socializar-se e interagir com a comunidade, buscando novos depoentes a partir de redes que vai construindo

no período. São poucas as oportunidades em realizar esta aproximação e valorização do conhecimento chamado de comum, mas que em pesquisas como esta toma dimensões científicas. Esperamos contribuir com este artigo para o avanço das discussões teóricas e metodológicas a respeito do tema da História Oral e incentivar novas pesquisas dentro deste campo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Extensão da ULBRA, pelo apoio e pelo reconhecimento ao trabalho aqui apresentado. Salientamos ainda que participação em uma pesquisa científica permite que o estudante tenha uma ampliação dos seus conhecimentos e do rendimento escolar, recebendo uma carga de responsabilidades, acompanhamento e habilidades que influenciam determinantemente na sua formação final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARÃO REIS, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v.
- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDoc**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. **Usos e Abusos da História Oral**. 5.ed. Rio

de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

FELIX, Loiva. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LENSKJ, Tatiana (Org.). **A Memória e o**

Ensino de História. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

SIMSON, Olga de Moraes (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

VIZENTINI, Paulo. **A Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1989.

VIZENTINI, Paulo. **As Guerras Mundiais**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.